

TERRAS QUENTES CADERNO 10

MAIO 13

EDIÇÕES:

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO
ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE MACEDO DE CAVALEIROS
"TERRAS QUENTES"
E CÂMARA MUNICIPAL DE MACEDO
DE CAVALEIROS



CERÂMICA

DO 3º MILÉNIO A.C. EM MACEDO DE CAVALEIROS – UM CASO DE ESTUDO.

Elsa Luís

Doutoranda em Arqueologia; Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa). elsavluis@gmail.com

ABERTURA

O Alto da Madorra foi identificado através do Estudo de Impacte Ambiental para a construção do IP2 em 1996, tendo sido posteriormente sujeito a uma intervenção de emergência em 1997 por uma equipa da empresa Arqueohoje, dirigida por Luís Gomes.

Dessa intervenção resultou uma publicação de síntese dos trabalhos com apresentação da estratigrafia e estruturas encontradas bem como algumas considerações preliminares sobre o espólio recolhido (Car-

valho et. alli, 1997).

Os materiais foram, mais tarde, entregues à guarda da Associação Terras Quentes. Um primeiro estudo foi elaborado por Bruno Rebelo, em 2011, incidindo sobre uma pequena amostra dos materiais cerâmicos no âmbito de um trabalho de final de licenciatura, também esse publicado (Rebelo, 2011).

Pretende-se aqui elaborar um estudo mais detalhado sobre o conjunto cerâmico, procurando caracterizar o sítio em termos cronológicos e culturais¹.

LOCALIZAÇÃO DO ALTO DA MADORRA

O sítio do Alto da Madorra está localizado na freguesia de Carrapatas, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança, com as seguintes coordenadas: 41° 30' 49" Lat. N. e 02° 08' 49" Este de Lisboa (Figura 1). Situa-se no “topo e encosta sul/sudeste de

um pequeno monte, de perfil cónico, cuja cota máxima é de 563,2 m, possuindo um razoável domínio visual, sobretudo para sul e sudeste” (Carvalho et al., 1997, p. 97).

¹ O estudo aqui publicado foi apresentado, em termos sumários, nas II Jornadas de Jovens Investigadores em Léon, Outubro de 2012. Nas actas desse congresso publicaremos um estudo mais detalhado sobre os motivos decorativos e suas problemáticas regionais.



FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO NA CARTA MILITAR DE PORTUGAL, 1:25000, FOLHA 77, ADAPTADO DE REBELO (2011).

ALTO DA MADORRA – ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS

O Alto da Madorra foi identificado no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental para o Projecto de Execução do IP2-EN216 – Vale Pradinho/EN 102 – Vale Benfeito, classificado na altura como Madorra 1 e 2 – povoado e monumento funerário (mamoia) de aparente cronologia pré-histórica. Este último, segundo os autores, ou não existiu ou já se encontra completamente destruído. Quanto ao povoado, por se encontrar na área directa de afectação do referido IP, foi alvo de uma campanha de escavação que minimizasse o impacto do referido projecto neste sítio arqueológico.

Atendendo à acentuada dispersão dos achados de superfície foram abertas várias sondagens ao longo do cabeço, de modo a avaliar o estado de conservação do sítio e determinar a sua extensão. Desde logo se verificou que os níveis superiores se encontravam remexidos pela intensa actividade agrícola, mas que ainda se conservavam níveis arqueológicos de fraca potência estratigráfica.

Foram consequentemente demarcados dois sectores de intervenção nas áreas que revelaram níveis arqueológicos, designados de A e B (Carvalho et al, 1997, p. 98).

O Sector A apresenta fraca potência estratigráfica e é de difícil caracterização devido à acumulação

de elementos pétreos que delimitam depressões no afloramento. Foram identificados dois sulcos escavados no solo que foram interpretados como uma possível estrutura de contenção de ventos; e ainda uma camada de ocupação. Neste sector foram exumados fragmentos cerâmicos e utensílios de pedra polida, bem como vários nódulos de barro de revestimento (Idem, p. 99-101).

O sector B revelou níveis arqueológicos melhor preservados, nomeadamente estruturas e uma estratigrafia com vestígios antrópicos. Na área oeste foi identificada uma estrutura de combustão de planta sub-elipsoidal inserida numa depressão do afloramento rochoso e delimitada por blocos pétreos de média dimensão de xisto e quartzo. Encontravam-se associados a esta estrutura vários artefactos, “cerca de uma centena de fragmentos cerâmicos, correspondentes a cerca de uma dezena de recipientes, bem como a dois polidores e um fragmento de movente” (Idem, p. 101) e duas concentrações de carvões. Estas amostras antracológicas cobrem alguns elementos pétreos e recipientes cerâmicos partidos no local, que levam os autores a avançar com a possibilidade da existência de uma estrutura de madeira que terá ardido e ruído, destruindo esta área do povoado (Idem, p. 102). É ainda indicada a possibilidade de esta área de combustão apresentar duas zonas distintas de utilização – uma área doméstica e outra de despejo de detritos.

“AS PEDRAS COMO UTENSÍLIOS” – BREVE APROXIMAÇÃO

Não sendo o foco essencial deste trabalho, parece-nos pertinente elaborar uma breve sùmula dos artefactos líticos provenientes do Alto da Madorra. Assim, fazem parte do conjunto 21 artefactos de pedra polida estando completamente ausente a pedra talhada. Os artefactos em pedra polida encontra-se genericamente bem preservados e, em alguns casos, completos. Identificaram-se, em termos de categorias morfológicas: um machado, duas enxós e um mar-

telo, normalmente associados a trabalhos agrícolas e de madeiras; cinco dormentes e cinco moventes, componentes de mós manuais para transformação de alimentos; oito seixos rolados, quatro dos quais com as superfícies lisas que poderão ter servido como polidores/alisadores.

A matéria-prima mais frequente é o anfíbolito, mas também se assinalou a presença de granito e xisto.

“NO MEIO DOS CACOS” – TÉCNICA, POTES E ESTILOS

O conjunto é constituído por 137 fragmentos classificáveis num universo de cerca de 1100 fragmentos, provenientes de recolhas de superfície e de contextos de escavação dos dois sectores acima enunciados. Vários fragmentos de bojo permitiram colagens, in-

clusivamente possibilitando reconstituir grande parte da pança ou, num caso, reconstituir praticamente todo o recipiente² (Figura 2), o que sugere boas condições de preservação e que os recipientes, depois de fragmentados, foram deixados no local.



FIGURA 2 – RECIPIENTE EM PROCESSO DE RESTAURO (OFICINA RESTAURO ASSOCIAÇÃO TERRAS QUENTES)

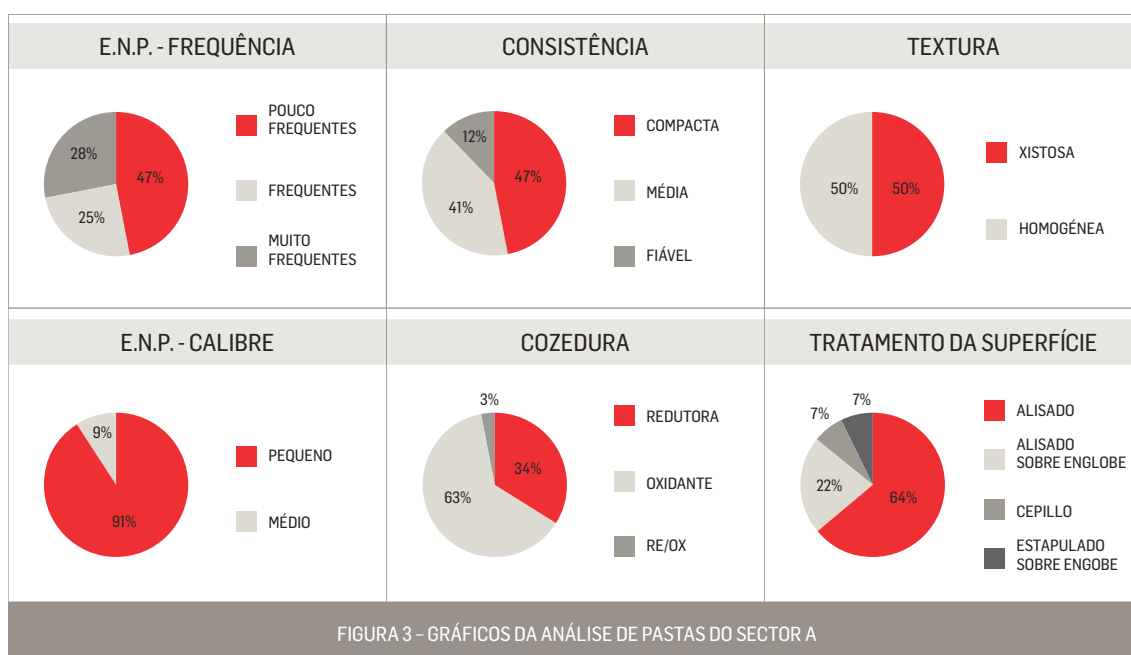
2 Este recipiente encontra-se em processo de restauro na Oficina de Conservação e Restauro da Associação Terras Quentes. Agradecemos ao Mestre Carlos Mendes e à Dr^a Joana Afonso.

O conjunto irá ser analisado por sectores, uma vez que a estratigrafia indica uma fase de ocupação para cada um deles.

Os critérios de análise tecnológica utilizados encontram-se discriminados num trabalho anterior (Luís, 2010), apenas com adaptações pontuais adequadas a este conjunto. A tabela de formas foi construída com base nos protótipos enunciados por Senna-Martinez (1989), adaptados em Luís (2010).

O **Sector A** forneceu 72 fragmentos passíveis de classificação, dos quais se contabilizou um mínimo de 32 recipientes (Número Mínimo de Indivíduos).

Os recipientes apresentam pastas tendencialmente bem depuradas, com a presença maioritária de elementos não plásticos pouco frequentes de pequeno calibre (Figura 3). Em um quarto dos casos estes elementos são frequentes e em 28% são muito frequentes mas, ainda assim, associáveis a uma esmagadora maioria de pequeno calibre (91%).

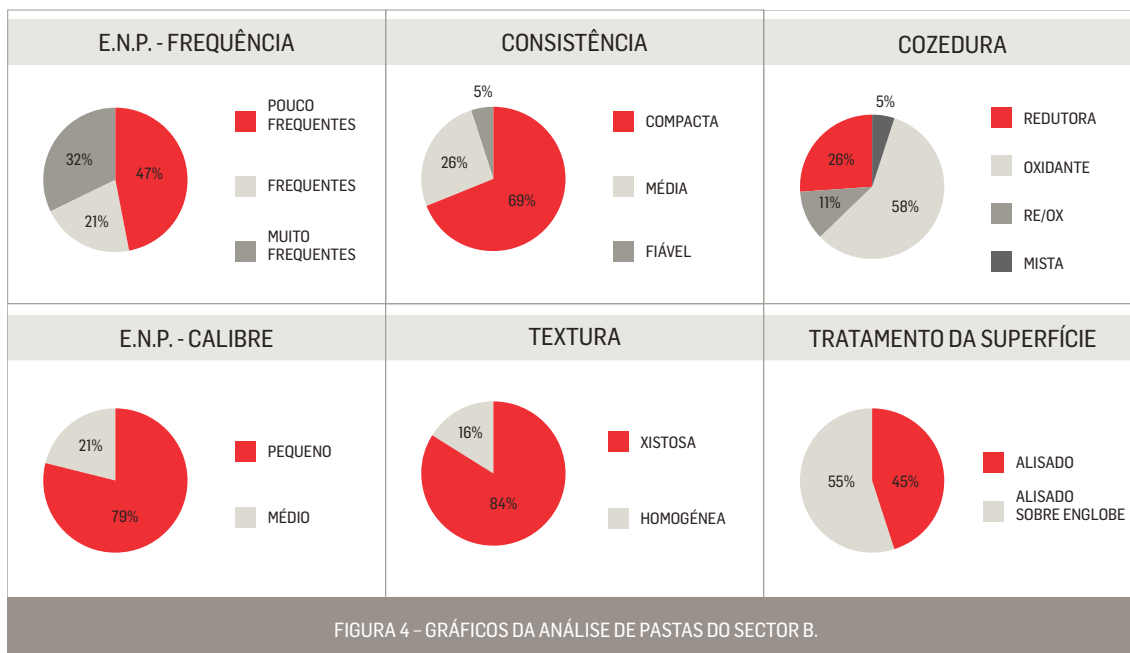


As pastas são normalmente compactas, mas revelam uma presença significativa de consistências médias; as texturas distribuem-se de forma igualitária entre xistosas e homogéneas. Há uma notória preferência por cozaduras oxidantes, ou seja, com tonalidades alaranjadas, em muitos casos em tons de laranja bem vivos. Os tratamentos de superfície são de difícil aferição atendendo ao fraco estado de conservação das superfícies, mas em vários casos foi possível determinar alisado simples, que predomina, conferindo um acabamento mais liso e uniforme aos recipientes; alisado sobre engobe, normalmente consistindo numa aguada vermelha que produz uma fina capa de impermeabilização; um caso de cepillo ou escovado; e um caso de estapulado sobre engobe. A maioria dos

fragmentos não apresenta sinais de rolamento, mas o estado de conservação das superfícies é mediano ou mau, o que parece indicar a sua preservação perto ou no local de abandono mas em condições pouco favoráveis, de que poderemos destacar a acidez dos solos xistosos associada ao elevado grau de erosão da superfície do cabeço (Carvalho et al., 1997, p. 97). Foram recolhidos, no sector B, 48 fragmentos classificáveis, com um número mínimo de 19 recipientes. Nos que diz respeito às pastas, os recipientes do **Sector B** exibem consistências predominantemente compactas e de textura xistosa. Os elementos não plásticos são na maioria pouco frequentes, mas com percentagens significativas de frequentes e muito frequentes; e de pequeno tamanho. Os fragmentos ten-

dem a apresentar colorações alaranjadas, reveladoras de uma cozedura tendencialmente oxidante, ou redutora com arrefecimento oxidante. Neste sector, apenas foram identificados dois tipos de tratamento de superfície, alisado simples em 45% dos casos e ali-

sado sobre engobe, sempre aguada vermelha, em 55 % dos casos. À semelhança do sector A, a maioria dos fragmentos apresenta-se sem vestígios de rolamento e com um estado de conservação regular e mau (figura 4).



Face ao exposto, os materiais provenientes dos dois sectores acima sintetizados não apresentam significativas diferenças de produção técnica. Apenas se regista uma maior diversidade de tratamentos de superfície no sector B, mas que pode estar simplesmente relacionado com condicionamentos de preservação, atendendo a que esta é a variável mais sensível e mais facilmente “camuflada” por fenómenos pós-depositacionais.

A percentagem de reconstituição de formas é relativamente baixa no conjunto, cerca de 23%, a que contribui o elevado grau de fragmentação dos recipientes. Em termos gerais, e tendo em perspectiva o

conjunto como um todo, a tabela de formas é pouco diversificada, como se pode verificar na (Figura 5), consistindo em recipientes abertos, as taças, com os subtipos 2.4 (taça hemi-elipsoidal funda) e 2.5 (taça em calote); e recipientes fechados, esféricos (forma 5), globulares (forma 6, subtipos 6.1 globular de colo vertical, 6.4 globular de colo estrangulado), esféricos achatados (forma 8) e vasos fundos tipo saco de paredes rectas (forma 13).O subtipo correspondente a esta última forma – 13.3 - foi identificado por Rebelo (2011) que o descreve como “[...]forma funda tipo saco mas com um bordo de perfil redondo exvertido” (Idem).

TABELA DE FORMAS - ALTO DA MADORRA

Formas Abertas

Taças (forma 2)



Subtipo 2.4



Subtipo 2.5

Formas fechadas

Esféricos (forma 5)



Subtipo 5.1

Globulares (forma 6)



Subtipo 6.1



Subtipo 6.4

Esféricos Achatados
(forma 8)

Subtipo 8.1

Vasos fundos tipo
saco (forma 13)

Subtipo 13.3

FIGURA 5 - TABELA DE FORMAS DO ALTO DA MADORRA.

No sector A apenas 12 fragmentos permitiram reconstituição morfológica, atendendo, uma vez mais, ao grau de fragmentação do conjunto e ao pequeno tamanho dos bordos. As formas abertas são aqui claramente minoritárias, representadas exclusivamente por dois exemplares das taças em calote. Dentro das formas fechadas sobressai o subtipo 5.1 dos esféricos com cinco exemplares e o subtipo 6.1 dos globulares com quatro exemplares. Além destes resta um exemplar de globular de colo estrangulado. Praticamente todos os fragmentos permitiram o cálculo de diâmetros do bordo, compreendidos genericamente entre os 14 e os 22 cm, podendo assim, representar recipientes de maior capacidade e,

consequentemente, não adequados ao consumo de alimentos, mas eventualmente ao seu armazenamento e produção. Uma das taças em calote apresenta um diâmetro de 5,6cm, podendo ser indicada para o serviço e consumo de alimentos.

Tal como no sector A, no sector B só 11 fragmentos permitiram reconstituição de forma. Estão presentes as taças (um recipiente de cada subtipo); os esféricos (três recipientes), os globulares (dois recipientes de cada subtipo) e um vaso fundo tipo saco. Parecem, aqui também, prevalecer as formas fechadas relativamente às formas abertas. Os diâmetros calculados para os recipientes deste sector seguem igualmente o

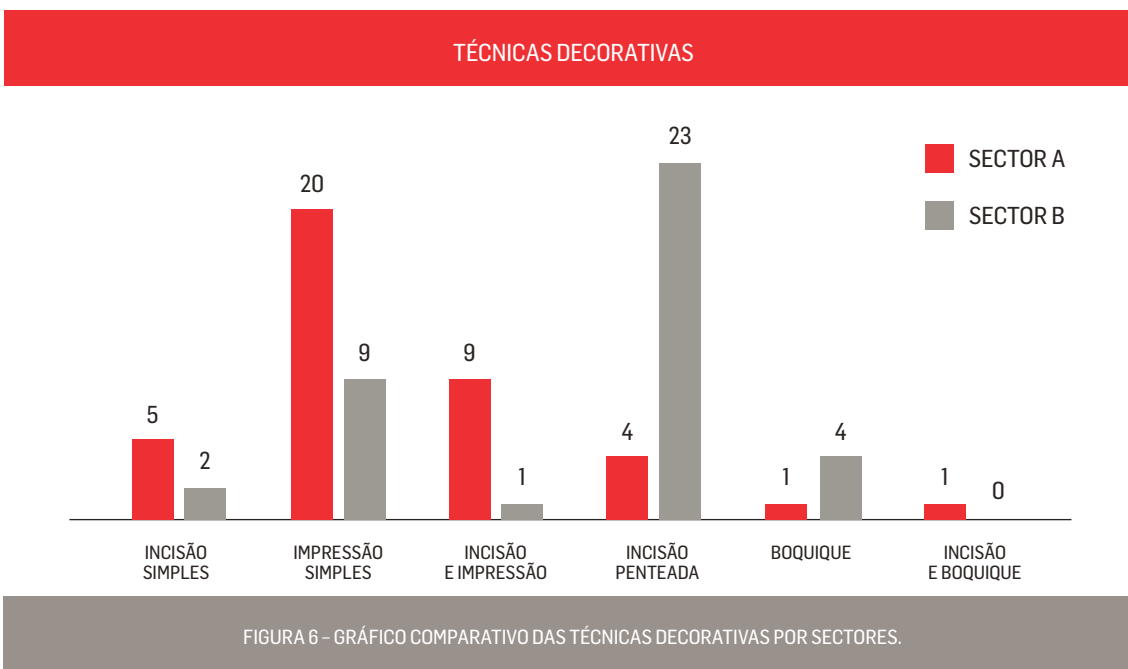
já apurado no sector A – maioria de bocais largos, entre os 13 e os 21 cm. Um dos esféricos apresenta um diâmetro excepcional, com 30 cm, sendo, portanto, um recipiente de grandes dimensões (a sua pança apresenta como diâmetro máximo 35,6 cm).

Gostaríamos, no entanto, de sublinhar que as considerações acerca da funcionalidade dos recipientes são, à falta de indicadores mais concretos, apenas atribuições genéricas baseadas no senso comum (“o que existe habitualmente num espaço doméstico”) e na tradição etnográfica e arqueológica, não esquecendo que muitos dos recipientes poderiam ser multifuncionais.

Estamos, aqui, a extrapolar tipos morfológicos tendo como base essencialmente a forma do bordo e seu desenvolvimento para a pança do recipiente. Excepcionalmente as formas simples, recorrendo à esfera e a segmentos de esfera como conceito mental e geométrico

do oleiro, raramente conseguimos, neste tipo de conjunto muito fragmentado, reconstituir integralmente os recipientes. Resulta difícil a identificação fragmentos de base por si só, na totalidade ou na maioria convexas e por isso facilmente confundíveis com partes de parede, e particularmente árduo associa-las a bordos. No espólio cerâmico em discussão apenas foram recuperados três fragmentos de base, duas convexas aplanadas e uma plana; que constituirão a exceção no conjunto pelas razões enunciadas.

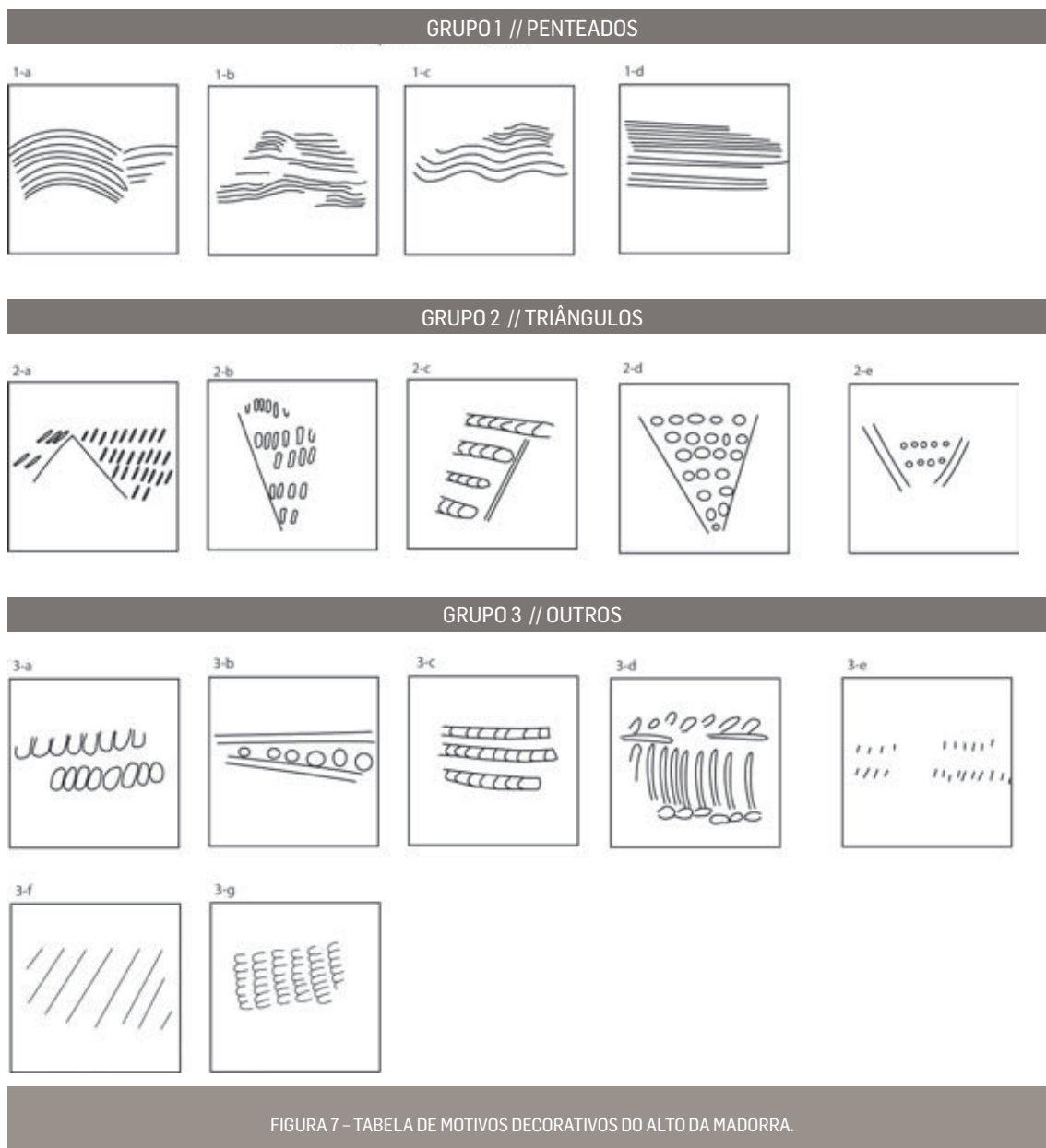
Foram recuperados 89 fragmentos com decoração (40 no Sector A e 33 no Sector B), sempre elaborada no lado exterior do recipiente; apenas um único exemplar apresenta decoração no lábio. Estes motivos decorativos foram elaborados utilizando alguma variedade de técnicas, em alguns casos recorrendo a mais que uma no mesmo recipiente: incisão simples; impressão simples; incisão e impressão; incisão penteada; boquique; incisão e boquique. (Figura 6)



No sector A predomina claramente a impressão simples, seguida do recurso conjunto à incisão e impressão; as restantes técnicas são minoritárias. O sector B apresenta dados diferentes, sendo aqui maioritária a incisão penteada, seguida da impressão simples, estando complexamente ausente a incisão e o boquique no mesmo fragmento.

A análise dos motivos decorativos permitiu a criação de três grupos principais atendendo a dois critérios

fundamentais – a técnica de execução e o “ar de família” (ou semelhanças estilísticas) dos próprios motivos (Figura 7). Assim, o primeiro grupo de motivos decorativos é constituído pelos “penteados” que aparecem sob quatro formas genéricas: semicírculos concêntricos (1-a); linhas irregulares (1-b); bandas de linhas paralelas onduladas, só numa banda junto ao bordo ou em várias bandas ao longo do recipiente (1-c) e ainda bandas de linhas horizontais paralelas (1-d).



O segundo grupo é estruturado em torno de um motivo nuclear, o triângulo. Os triângulos são definidos por duas linhas incisadas e preenchidos com recurso a diferentes técnicas e utensílios criando assim distintos motivos/estilos –impressões oblíquas a punção lateral, dispostas em linhas paralelas (2-a); impressões subrectangulares/subquadrangulares colocadas em linhas paralelas (2-b); linhas horizontais a boquique (2-c); impressões circulares em linhas paralelas (2-d); impressões de pequenos pontos, em linhas paralelas (2-e).

O terceiro grupo de motivos decorativos engloba motivos variados que raramente se repetem, nome-

adamente: impressões subrectangulares de cantos arredondados, colados uns aos outros (3-a); duas linhas incisadas (pequenas caneluras?) com impressões circulares entre elas (3-b); linhas paralelas a boquique ou formando métopas (3-c); pequenos puncionamentos arredondados acima de uma banda de incisões verticais finas, por sua vez, acima de novos puncionamentos arredondados irregulares (3-d); pequenas impressões finas em linhas paralelas, por vezes em métopa (3-e); linhas incisadas oblíquas (3-f); bandas de impressões a pente lateral interrompidas por brunimento, formando métopas (3-g). Estes motivos podem fazer parte do preenchimento de triângulos, simplesmente, atendendo ao pequeno tamanho da

maioria dos fragmentos não os pudemos identificar. No sector A estão presentes os motivos 1-b; 1-c; 2-a; 2-b; 2-d; 2-e; 3-a; 3-b; 3-c; 3-d; 3-e. Predominam claramente os motivos à base da impressão simples, 3-a (que poderão eventualmente constituir parte do preenchimento de um triângulo semelhante a 2-b), e, em menor número, 3-e. Os triângulos estão também representados com 9 fragmentos.

No sector B o grupo de motivos decorativos dominante é o primeiro, das cerâmicas decoradas a pente; no qual é absolutamente preeminente o motivo 1-c com 15 exemplares, mas também se assinalam os motivos 1-a; 1-b e 1-d. Os triângulos são aqui pouco expressivos, apenas com 3 fragmentos. Estão ainda presentes as organizações 3-c e 3-e, com três fragmentos cada (Figura 8).



FIGURA 8 – EXEMPLOS DE FRAGMENTOS DECORADOS – TRIÂNGULOS E “PENTEADOS”.

“PÔR CACOS EM CONTEXTO”

O conjunto cerâmico do alto da madorra pauta-se, pelo exposto, pela simplicidade do repertório formal, recorrendo a formas abundantemente reproduzidas em vários contextos neo-calcolíticos. São formas construídas à base de esferas e segmentos de esferas e apenas recorrendo a formas compósitas no caso dos globulares. Por estas razões constituem fracos marcadores cronológicos e culturais.

O repertório de técnicas e motivos decorativos não é muito abundante mas denota-se uma intenção de variar técnicas dentro de estilos conseguindo assim obter diferentes motivos decorativos. O conjunto pauta-se pela forte presença das cerâmicas pentea-

das, especialmente no sector B, a par da assinalável presença de triângulos preenchidos e diferentes arranjos com impressões de diferentes matrizes. Estes três elementos compõem indicadores de uma comunidade humana integrável no terceiro milénio a.C., a que a presença de cerâmicas penteadas parece “arrastar” para meados ou até para a sua segunda metade.

Trás-os-Montes, oriental especificamente, apresenta ainda lacunas quanto ao conhecimento do povoamento e das dinâmicas de interação cultural entre comunidades no terceiro milénio. Estão identificados vários sítios, atendendo aos habituais fós-

seis directores cerâmicos – “penteados”, triângulos – mas poucos são os escavados e sobretudo, escassos os que apresentam uma diacronia de ocupação e/ou datações radiométricas. Neste contexto, surge como excepção Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela), um dos sítios chave para a compreensão da diacronia das comunidades pré-históricas regionais. Este sítio forneceu uma sequência estratigráfica com vários momentos de ocupação entre o neolítico antigo e o calcolítico com os respectivos elementos da cultura material e com várias datações por radiocarbono (Sanches, 1997). Por estas razões e pela proximidade geográfica com o sítio aqui em discussão, considera-se pertinente atentar aos materiais cerâmicos deste abrigo em primeiro lugar. O nível de ocupação que apresenta mais semelhanças com o nosso conjunto é o nível I, a última fase de ocupação, “vocacionada para o armazenamento, o qual invade todo o espaço interior do abrigo, à excepção de uma área limitada” (Idem, p. 126). Neste nível predominam as decorações elaboradas com recurso à incisão penteada, tal como no sector B do Alto da Madorra; mas encontram-se bem representadas as impressões simples e os triângulos. Neste sentido, identificam-se semelhanças entre os motivos do Alto da Madorra e as organizações decorativas II-g, métopas, neste caso através de puncionamento arrastado (Sanches, 1997, vol. II, p. 132); III-d, e, triângulos com vários tipos de preenchimento (Idem, p. 133); III2, sequências de punçamentos (Idem, p. 134); V2- a, b, c, d, e, incisão penteada utilizada para formar linhas paralelas, bandas de linhas ondulantes e semicírculos concêntricos (Idem, p. 135); e, finalmente, V3, vários tipos de métopas a incisão penteada (Idem, p. 136). No Alto da Madorra estão completamente ausentes as formas e estilos decorativos de imitação campaniforme que ocorrem, em menor percentagem, no nível I do Buraco da Pala. Igualmente ausentes são outros tipos de organizações mais complexas e de carácter simbólico conhecidos neste nível ocupacional (Idem, p. 137-138). As datas obtidas para este contexto situam-no entre cerca de 2800 e 2500 a. C. (Sanches, 1997, p. 126).

O Crasto de Palheiros (Murça) apresenta uma ocupação intensa durante o terceiro milénio, materializada na construção de complexas estruturas arquitectónicas (taludes, plataformas, estruturas em materiais perecíveis etc.), distribuídas por várias fases (re) construtivas, em conjunto com o aproveitamento das excepcionais condições naturais do sítio, conferem-lhe visibilidade e monumentalidade (Sanches,

2008). Constitui, assim, em termos nucleares, um sítio completamente distinto da ocupação simples, com estruturas igualmente simples, do Alto da Madorra. No entanto, parece importante destacar a presença de uma grande diversidade de organizações decorativas “penteadas” – em bandas lisas e onduladas e métopas; organizações de triângulos preenchidos com linhas incisivas, sequências de pontos; e ainda sequências de impressões com várias matrizes – circulares, subrectangulares, pontiagudas e a puncionamento arrastado (Sanches, 2008, p. 182-183). A panóplia decorativa deste sítio é, à semelhança do nível I do Buraco da Pala, muito mais rica e diversificada do que aqui se salienta, apenas se sublinham os pontos comuns com o que se apresenta para o Alto da Madorra. As cerâmicas penteadas são aqui as mais frequentes, enquanto “as organizações do fundo calcolítico mais antigo e mais frequente em Trás-os-Montes oriental: II (triângulos) III1 e III2 sobretudo realizados a punção (incisão e/ou não impressão não penteada), mantêm uma certa representatividade em ambos os recintos” (Idem, p. 127).

Já fora da área transmontana que aqui se vem mencionando, mas numa das áreas regionais vizinhas, o núcleo de sítios enquadráveis no terceiro milénio de Fornos de Algodres pode contribuir para esta discussão (Valera, 2007). A presença conjunta de cerâmicas decoradas com incisão penteada e triângulos preenchidos ocorre no sítio da Malhada, com alguma diversidade dos segundos e menor dos primeiros, sendo no entanto minoritário um outro tipo de organizações decorativas estruturadas em torno de espinhados (Idem, p. 144-149). Estão aqui igualmente presentes vários tipos de sequências de impressões e de métopas semelhantes ao Alto da Madorra. A fase de ocupação com estes artefactos está datada por C14 e termoluminescência de meados do IIIº milénio (aproximadamente 2800-2300 a.C.) (Idem, p. 163). O sítio da Fraga da Pena apresenta uma panóplia de motivos decorativos pouco diversificada, mas na qual inclui “espinhados”, “triângulos” e “penteados”, tal como na Malhada, mas apresenta já alguns recipientes e motivos decorativos de tipo campaniforme (Idem, p. 234-243). As datas obtidas para a Fraga da Pena, enquadraram-na em finais do terceiro milénio ou já na transição para o segundo (Idem, p. 252).

É difícil e até arriscado associar totalmente o conjunto do Alto da Madorra a qualquer um dos contextos aqui mencionados. Provavelmente a sua ocupação

encontrar-se-á em meados ou mesmo já segunda metade do III^o milénio atendendo às datas do Buraco da Pala, do Crasto de Palheiros e da Malhada. Uma cronologia mais fina não é, por ora, possível.

A descoberta, em meados do século XX, de duas alabardas de tipo Carrapatas (habitualmente integradas no Bronze Inicial) na freguesia que lhes deu nome (Bártholo, 1959) tem permitido pensar na possibilidade de, por um lado, fabrico local e de, por outro, estes artefactos poderem estar relacionados com um povoamento local. A localização do povoado da Madorra na freguesia e, segundo fontes locais, em local próximo do sítio de descoberta das alabardas, elevou o interesse relativamente ao povoado. Não possuímos, como vimos, nenhum indício de que o Alto da Madorra possa ter ultrapassado a fronteira do milénio. Nem há, que se tenha preservado ou reconhecido, nenhum indício de produção metalúrgica. O Alto da Madorra, pelos dados actualmente disponíveis, não veio esclarecer ou contribuir para a discussão sobre as comunidades produtoras deste tipo de artefactos. Os contextos de Bronze Inicial, nesta e em outras áreas transmontanas ainda se encontram por caracterizar. Esperemos que investigação futura possa vir progressivamente a iluminar esta questão.

O Alto da Madorra enuncia um tipo de povoado simples, de carácter doméstico, mas integrado no circuito das “grandes modas” artefactuais regionais. Ocupa um cabeço pouco destacado na paisagem mas com algum controle do território envolvente, onde provavelmente estariam os seus terrenos agrícolas. Mais fica por dizer. Olhámos, neste espaço, somente para o panorama da tecnologia e do estilo cerâmico, deixando para outras oportunidades reflexões mais extensas em torno do povoado/povoamento e de potencialidades económicas e culturais. Estabelecemos aqui comparações com contextos bem distintos entre si, uns de utilização/funcionalidade bem complexa, bem diferentes do Alto da Madorra. Mas, por ora, encontra-se dentro do possível.

Pretendeu-se, aqui, simplesmente focar um dos mais tradicionais veículos de aproximação ao passado, os vestígios materiais, ou se for permitido dizê-lo, e numa acepção funcionalista simplificadora, dos restos, até lixo, doméstico, mas que têm sempre uma história para contar. Este trabalho deve assim ser encarado como um ponto de partida.

Bibliografia

- BÁRTHOLO, M.L. (1959) – Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança. Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Vol. I, p.431-39.
- CARVALHO, P. et all. (1997) – Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta de Mós (Macedo de Cavaleiros/Bragança). Em Busca do Passado, 1994/1997. Lisboa: Junta Autónoma das Estradas, p. 92-108.
- LUÍS, E. (2010) – A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o Conjunto Cerâmico da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- REBELO, B. (2011) - Os recipientes cerâmicos do sítio do Alto da Madorra. Cadernos Terras Quentes, 8, p. 55-62.
- SANCHES, M. J. (1997) – Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional. Porto: SPAE, 2 vols.
- SANCHES, M. J. (coord.) (2008) – O Crasto de Palheiros, Fragada do Crasto, Murça. Murça: Câmara Municipal.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) – Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- VALERA, A. (2007) - Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3^o milénio A.C. (Fornos de Algodres, Guarda).Fornos de Algodres: Câmara Municipal / Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.